

Director, Proprietário e Editor
Monsenhor PEREIRA DOS REIS

Redacção e Administração: Secretariado Nacional do Monumento — Rua dos Douradores, 57 — LISBOA

Composto e impresso na Tipografia das Oficinas de S. José — Travessa dos Prazeres, 34 — LISBOA

COM A APROVAÇÃO
DA AUTORIDADE
ECLESIASTICA

MONUMENTO

ÓRGÃO DA PROPAGANDA DO MONUMENTO NACIONAL A CRISTO REI

Não agradecemos ainda a graça nem saldámos a dívida

EXORTAÇÃO PASTORAL

«Foi há mais de doze anos, em 20 de Abril de 1940, que o Venerando Episcopado Português, reunido na Cova da Iria, aos pés de Nossa Senhora de Fátima, sentindo bramir em volta a tempestade medonha que ameaçava também a nossa Pátria querida, fez o voto solene de «favorecer e promover a erecção de um Monumento ao Sagrado Coração de Jesus, na capital do Império Português, em lugar bem visível, se fôssemos preservados da guerra».

Este compromisso indeclinável tomaram-no, por todos os portugueses, os nossos Pastores solícitos e desvelados, apelando para a Infinita Misericórdia do Senhor, por intercessão da nossa Excelsa Padroeira e Mãe, confiados em que Ela nos salvaria mais uma vez. E o milagre, autêntico milagre, deu-se a olhos vistos: ao passo que tantas nações eram invadidas e assoladas, enquanto a velha Europa se contorcia por entre os horrores duma guerra feroz, o nosso privilegiado Portugal, aliás tão cobido pelos beligerantes, escapou, por mercê de Deus e de Sua Santíssima Mãe, à tremenda convulsão, qual promontório da paz no meio do cataclismo.

Já lá vão bastantes anos e não agradecemos ainda a graça inapreciável que recebemos, nem saldámos a dívida sagrada que contraímos. Sim, porque o prometido é devido; e todos nós, portugueses, que fomos os beneficiados, como filhos e súditos, unidos aos nossos Pais e Pastores, somos solidários pela sacrossanta promessa que Eles por nós fizeram, de levantar um Monumento Nacional ao Divino Salvador. É um caso grave de consciência: é um dever sagrado, de honra, de justiça e de gratidão.

O projecto está feito e os alicerces, sólidos e profundos, estão a ser construídos. O egrégio pedestal, de 82 metros de altura, levantar-se-á em seguida, para sustentar a imagem de Cristo Rei, com a medida de 28 metros, a qual, de braços abertos sobre a capital e o Império, ali ficará, junto ao Tejo donde partiram os nossos imortais navegadores e missionários, a ser-nos pára-raios e defesa para o futuro.

Apelamos vivamente, queridos cooperadores e fiéis, para a vossa fé e generosidade jamais excedidas, a fim de que não falte o vosso necessário e imediato auxílio, a juntar ao de todas as outras Dioceses, para que a grande Obra não tenha que parar e seja em breve, dentro de dois anos, uma consoladora realidade. É uma contribuição a mais, poderá dizer alguém: mas o que não teríamos despendido, até ao esgotamento ou liquidação total, se a guerra tem desabado sobre nós? Temos os nossos Seminários e tantas outras instituições, para as quais continuamente se pede, objectar-se-á também: é certo e indispensável tudo isso, mas é verdade por igual que agora se trata não duma dádiva mas duma dívida, à qual nenhum de nós, rico ou pobre, se pode esquivar. Os tempos vão maus e estamos depauperados, acrescentarão ainda: ninguém quer exigir, porém, senão uma milgalha do muito que a Providência nos concede, maior ou menor, consoante as nossas posses, e isto por uma só vez, para o cumprimento do Voto feito.

Está constituída, nesta Diocese da Guarda, a Comissão Diocesana do Monumento, com a assistência do Rev. Director Diocesano do Apostolado da Oração, Cônego Dr. João Abranches; esperamos que se organizem a seguir Comissões locais e paroquiais, sob a

orientação daquela, para a recolha de donativos destinados a tão religioso e patriótico fim. Que as pessoas e famílias abastadas se dignem inscrever-se na Ala dos Beneméritos do Monumento, entrando para o Plano Trienal com o mínimo de mil escudos cada ano ou, pelo menos, mil escudos em três anos; — que os menos afortunados e os mais pobres, sempre prontos a dar da sua penúria, contribuam proporcionalmente com a sua pedra em honra do Divino Coração; — que as nossas inocentes criancinhas dos Colégios, Escolas, Cruzadas e Catequeses, venham, por fim, com as suas pedras pequeninas, que

podem ser arrecadadas, de preferência, no próximo mês de Dezembro. Desta sorte, não faltará ninguém, como esperamos, para o integral cumprimento do nosso Voto Nacional.

A fim de se fazer a necessária propaganda e organização desta Campanha inadiável, percorrerá várias localidades da nossa Diocese, com autorização do Eminentíssimo Cardeal Patriarca, no corrente mês de Junho, o zeloso Director do Secretariado Nacional, Rev. P. Sebastião Pinto, esperando-se de todos o melhor acolhimento e colaboração, para o completo êxito da sua tarefa.

O bom e generoso povo da Guarda mais

uma vez vai mostrar o que é, como tanto confiamos, tornando-se merecedor de copiosas bênçãos do Céu, que cairão a flux, num verdadeiro Pentecostes, sobre Portugal inteiro, com a erecção do seu grandioso Monumento a Cristo Rei.

Queiram todos os Revs. Párocos e Capelães ler e explicar esta Exortação à estação da Missa, transmitindo os Nossos antecipados agradecimentos e bênçãos aos caríssimos fiéis.

Dada na Guarda, sob o Nosso Sinal e Selo das Nossas Armas, no 1.º dia do mês de Junho de 1952, Festa do Pentecostes.

† DOMINGOS, Bispo da Guarda

A Mensagem à Diocese da Guarda

A convite do Venerando e apostólico Prelado da Guarda, deu a volta àquela Diocese, em excursão de propaganda do Monumento e da subscrição que o há-de erguer, o director do Secretariado Nacional de Lisboa. Acompanharam-no em todo o percurso as Excelentíssimas Senhoras D. Maria Belarmina Castelo Branco de Vasconcelos e Sousa, presidente da Comissão Diocesana da Guarda, e D. Guilhermina Maria de Vasconcelos e Sousa, tesoureira nacional. Em boa parte da excursão juntaram-se-lhes as Ex.^{mas} Senhoras Condessa de Caria (D. Maria Emilia), das comissões de Lisboa e Guarda, e D. Maria Celeste de Aguiar, Secretária da Comissão Diocesana. Capitaneava o grupo o Rev. Senhor Cônego Dr. Joaquim Mendes Abranches, Director Diocesano do Apostolado da Oração e da Acção Católica, o qual, sempre seguro e hábil volante, transportou no seu automóvel esta comitiva, a quase todos os pontos determinados no programa oficial.

Começou a excursão a 16 de Junho, por Alpedrinha, Fundão e Tortozendo e terminou a 24 à noite, em Caria.

Nos dias 17 a 20, o Rev.^{mo} Cônego Abranches, forçado a ausentar-se, fez-se substituir pelo seu excelente colaborador e nosso excelente companheiro Rev. P. António Joaquim Marcos, pároco de Gouveia e também assistente Diocesano da A. C.; mas na tarde do dia 20, já na Guarda, retomou Sua Rev.^{ma} a direcção do grupo até o vir pôr na estação de Castelo Branco, na manhã de 25, para o regresso a Lisboa.

COMO DECORRERAM OS TRABALHOS

Geralmente, o melhor possível. De dia ou de noite, umas vezes no púlpito ou à grade da capela-mor, como em Silves, Sé da Guarda, Colégios do Sagrado Coração de Maria e da Cerdeira e Patronato de S. Romão, Sabugal, Escalhão, Figueira de Castelo Rodrigo, Pinhel e Caria; outras vezes nas dependências da igreja ou em salões da paróquia ou mesmo do Clube (Trancoso) e até da Casa do Povo (Belmonte e Freixédas), uma só palavra ecoou, em todas estas assembleias, pondo em vibração os corações de auditórios sempre muito simpáticos:

«O Sacratíssimo Coração de Jesus salvou-nos da guerra e do extermínio, porque os Bispos de Portugal lhe prometeram erguer bem alto, em Lisboa, a sua Imagem que Jesus escolheu para ser o meio de tocar e atrair a Si o coração dos homens».

«Se, só de lhe prometermos a estátua grandiosa do seu Coração, nos veio a graça tão imerecida e extraordinária da paz, que serão

as bênçãos do seu divino amor de predilecção para Portugal, quando lha tivermos erguido às alturas das nuvens e na grandeza e majestade devida à sua Realza divina e à imensidade da nossa gratidão?»

«Assim como foi para todos o benefício imenso, assim tem de ser de todos — ricos, remediados e pobres — o encargo amabilíssimo do cumprimento desta promessa.»

«A mensagem que vos trazemos é só de apelo ao amor de gratidão. Lembrar-vos e encarecer quanto possível a predilecção do Divino Coração pela nossa Pátria e pelo nosso povo, eis o nosso principal objectivo. Isto basta, porque, à vista dessa indizível bondade do Senhor, nenhum coração português se poderá conter sem uma explosão de amor que o tornará logo em contribuinte generoso e apóstolo fervente e incansável desta glorificação nacional do Sacratíssimo Coração de Jesus por meio do Monumento de Lisboa.»

O ÓBOLO DA CAMPONESA

No fim do sermão feito em Silves — povoação rústica e pobre, mas de alto fervor de piedade — com a igreja à cunha, aproximou-se do pregador uma camponesa moça e quer entregar-lhe uma nota que traz fechada na mão. Ele não pedira dinheiro nem o levará consigo. O que pedira era amor e gratidão. O amor agradecido, de cada um, é que havia de marcar o montante da contribuição; e esta iria por mãos do Prelado de cada Diocese. Na mão do seu Pastor, que para todos e em nome de todos fizera o Voto, nela é que deveria ir para Lisboa o dom do seu rebanho. A camponesa depôs então aos pés do altar mor 50800.

O coração português! Como ele sabe sentir as finezas do amor divino!

Naquele momento estavam a aglomerar-se ali, em roda, centenas de crianças da Cruzada Eucarística e da Catequese, a quem o seu venerando e muito fervoroso pároco queria que o pregador fizesse agora conhecerem melhor a razão das «Pedras Pequeninas» que as crianças oferecem pelo Natal. Se os Párocos todos de Portugal assim fizessem no próximo Dezembro!...

Este Pároco é arcepreste e tinha ali presentes, a convite seu, os párocos do seu arceprelado, para os afervorar no seu grande zelo pelo Monumento. Foi isto na manhã do dia 17. A Bênção do Santíssimo e os cantares ferventes do povo ao Divino Coração completaram esta primeira e auspiciosa sessão popular da nossa propaganda.

As reuniões selectas, simpáticas e frutuossas, de Alpedrinha, Fundão e Tortozendo,

onde topamos com dedicações nobilíssimas, concluíram com a constituição de belas Comissões de propaganda.

A Covilhã, de cuja piedade, dedicação e generosidade não é lícito duvidar, ficou em preparativos da sua próxima entrada nesta Cruzada do Sacratíssimo Coração de Jesus. Penamacor, rica e distinta, guiada pelo seu zeloso Pároco, alinhou para esta empresa o que de melhor possui na condição social e nas fileiras do Apostolado da Oração.

DA COVA DO FUNDÃO AOS PINCAROS DA SERRA

Tínhamos de voltar atrás em caminhada veloz, para naquela mesma tarde treparmos à Estrela, rodearmos as penhas Douradas e saudarmos o «Mondeguinho», como chamam à bica donde escorre a primeira água que vai ser, depois de longa carreira, o Mondego caudaloso de Coimbra e dos poetas.

No Sameiro (Manteigas), arcepreste e párocos reunidos assentaram na possível cooperação das gentes pobres daquelas montanhas da Serra da Estrela. Em S. Gabriel com Manteigas à vista, o mesmo foi entrar sob o tecto abençoado da benemérita família Cunha Matos e sentir o carinho e a fragrância da mais pura caridade cristã, com a mais generosa aceitação da mensagem que levávamos. Reina ali plenamente o amor do Sacratíssimo Coração de Jesus. Farão por Ele... quanto Ele quiser.

Gouveia, recebeu-nos ao fim da tarde. Senhoril e poderosa, espalra-se ao fundo da vertente da Serra, ansiosa de amplidão e beleza.

Disse-nos à noite, no Salão do Colégio, pela boca dos seus homens cultos e mais dedicados à religião, e na manhã seguinte, na igreja, pela palavra fervente das Senhoras, cujo zelo apostólico se tinha evidenciado tanto no esplêndido Congresso Eucarístico ali realizado pouco antes, que podíamos contar com ela. Ficava-nos por fiador dessa palavra, o seu apostólico e dinâmico Pastor.

Voltando atrás, em leve subida, entramos na graciosa Vila de Seia, onde Nossa Senhora de Fátima tem, em pedestal elegante, uma formosa estátua no jardim anexo à igreja. Se à Mãe, assim lhe ergue o nosso amor belas estátuas ao ar livre, será de amor não as querer erguer ao seu divino Filho? Deparou-se-nos ali um auditório excelente, de almas vibrantes a cuja formação preside o culto e apostólico espírito do Rev. P. Bigote. Ninguém ali ficará de fora, nesta campanha.

Galgando um pouco mais pela encosta acima, descobrimos, a espreitar-nos das alturas,

(Continua na pág. 2)

Panlo Trienal: 3 anos só de construção, 3 anos só de subscrição: cada família abastada e cada pessoa independente e não pobre — mil escudos cada ano ou, pelo menos, mil escudos em 3 anos, por inteiro ou em prestações.

A Mensagem à Diocese da Guarda

(Continuação da pág. 1)

a pitoresca S. Romão, de boa gente, vagamunda e empreendedora, e onde a família Nogueira tem posto ao serviço de Deus e da sua amada terra os recursos do seu dinheiro, do seu grande coração e da sua piedade apostólica. A conferência foi no Patronato.

Hospedagem patriarcal, simplicidade encantadora, bondade sempre a jorros e alma pronta para todos os sacrifícios, foi o que ali encontramos. Pelo Sagrado Coração de Jesus, tudo!

A manhã do dia 20 foi para descermos a Vila Nova de Tâzém, de formosa igreja e bom grupo de almas dedicadas, as quais com o seu zelo e hospitaleiro pastor se uniram a nós, de coração, no zelo do Monumento.

Corremos a *Celorigo da Beira*, castelã antiga e nobre, a vestir-se de galas modernas, sem esquecer o amor das suas glórias nem o garbo das suas muralhas de outros séculos.

As melhores almas de apóstolas, inteligentes e intrépidas, ali se reuniram com o seu Rev. Pároco, empenhando a sua honra e o seu coração nas lides desta cruzada.

Corria a tarde: um telefonema da Guarda comunicava ao Director do Secretariado de Lisboa que, em vez das reuniões de senhoras e homens da cidade, marcadas para aquela tarde e noite, deveria pregar na Sé o sermão da festa do Sacratíssimo Coração de Jesus que naquele dia se celebrava. Assim o queria o Venerando Prelado.

A Comissão Diocesana cuidaria, depois, da organização de subcomissões, se preciso fosse.

Pusemo-nos a caminho para a Guarda. No intervalo entre a chegada e o sermão quis o *Colégio do Sagrado Coração de Maria* que lhe falássemos também a etc. Religiosas e meninas alunas juntaram-se para isso na vasta e elegante capela do Colégio. Pedimos-lhes, para já, propaganda desta mensagem junto de suas famílias e amigos; e, para o Natal, as Pedras Pequenas das crianças de todas as terras da Diocese. Gostaram do encargo porque no coração se lhes ateara ainda mais o amor do Monumento.

A Sé encheu-se de fiéis, fazendo corte ali, ao seu Prelado, o cabido, seminários e organizações católicas. O tema do sermão tinha de ser a mensagem do Monumento. O auditorio, numeroso e devoto, seguia atento a palavra do orador que procurava, com a graça divina, fazer que saíssem do templo abraçados no zelo de levantar sem demora a estátua glorificadora do amor que o Sacratíssimo Coração de Jesus nos tem. Ao recitar, no fim, o Acto de Consagração de Portugal ao Sacratíssimo Coração de Jesus, o Senhor Bispo da Guarda renovou ao Divino Coração a promessa de Portugal lhe erigir o Monumento.

RONDANDO AS FRONTEIRAS

A vila do *Sabugal*, ufana-se do seu castelo e dos seus títulos de veneranda fidalguia. Recebeu-nos ao fim da manhã de 21. Era dia de mercado, e por isso menos favorável a reuniões. Acolhimento amigável do Rev. Pároco e das boas Irmãs enfermeiras do Hospital onde o Rev. Dr. Abranches fez a reunião da J.O.C.F. e o Director do Secretariado Nacional lhes falou do Monumento, exortando-as a serem deste propagandistas. Depois do fraterno almoço, tocou o sino a convocar a gente, fez-se a reunião na igreja, seguindo-se, na sacristia, a organização da Comissão. Aqui como em tantas outras terras, corações bons, desejosos de serem glorificados o Divino Rei.

A Diocese da Guarda, se tem zonas férteis e ricas, tem outras muito pobres. Mas esta gente, em quem tanto floresce a vocação sacerdotal e religiosa, recebeu, da sua fé e da caridade divina, inspiração e alento para grandes dedicações.

Iamos agora para o extremo norte da Diocese onde os seus limites tocam os da província de Trás-os-Montes e a fronteira de Espanha. No caminho esperava-nos o *Colégio da Cerdeira* que é, no meio dos castelos da fronteira, um grande baluarte espiritual do reinado do Sacratíssimo Coração de Jesus naquela região de planalto vastíssimo. Regem o colégio com luz segura, servem-no com dedicação extremada e fertilizam-no com suores de apóstolas as beneméritas Servas de Jesus, instituição Diocesana de grandes méritos. A exortação feita ali na capela, garantiu ainda mais ao Monumento as Pedras Pequenas das alunas e a oração preciosa das Irmãs. E toca a andar.

Fomos ter a *Escolhão*, terra de fé, grande e rica e progressiva, cuja igreja, magnífica, mais parece catedral do que simples paróquia.

O sermão foi à noite, com boa concorrência de fiéis, seguindo-se a bênção do Santíssimo e a reunião para eleição dos membros da Comissão. Hospitalidade muito carinhosa do Rev. Pároco e suas prestimosas irmãs, e da benemérita Senhora D. Ana Lopes da Fonseca, irmã do antigo ministro Sr. Dr. Lopes da Fonseca. Ficou-nos pena de não haver

tempo para maior contacto com a terra e com a gente, de quem trouxemos muito agradável impressão.

Figueira de Castelo Rodrigo, a crescer e a modernizar-se, aprazível e alegre, esperava-nos para a missa paroquial. Bela igreja arranjada de novo e repleta de fiéis e com um pároco muito dinâmico e culto, o Rev. Padre Canário. A paróquia naquela manhã viveu só para o Monumento, desde o sermão do Padre de Lisboa, à Missa, até à reunião na sacristia para organização da Comissão. Elementos excelentes pela cultura e piedade. Ficámos certos de que estarão conosco até final. Após o almoço no ambiente familiar e artístico da residência paroquial, de bom grado nos guiou e acompanhou, como cicirone perfeito, o Rev. Padre Canário, a visitar o antigo mosteiro romano-gótico de Santa Maria de Aguiar e a cidadela, em ruínas, de Castelo Rodrigo. Que vivas e impressionantes páginas de história patria se nos dão a ver ali, naquelas pedras mais que seculares, calcinadas do fogo e do sol!

O concelho de Castelo Rodrigo é o 3.º concelho produtor de trigo no país, e isso basta para dizer da sua importância.

A tarde estava destinada para Almeida e a noite para Pinhel. Assim se cumpriu.

Belo rebanho o da famosa praça de guerra fronteiriça! Que lembranças do Portugal antigo, naquela Almeida vetusta, por onde S. Francisco Xavier entrou em nossa Pátria!

Acolheram-nos ali de braços e coração abertos. O Monumento está-lhes lá dentro da alma.

Pinhel tinha vivido a manhã daquele domingo na igreja, e a tarde na rua, a ver e a acompanhar a Procissão de Santo António. Parecia temeridade enfadada com nova pregação no templo à noite. Pois não sucedeu assim. O concurso foi grande e seguiram o pregador, senhoras e homens, com a máxima atenção. Confiámos ao coração daqueles bons portugueses a mensagem do Monumento, fiados de que fariam por esta obra o que o seu Rev. Pároco nos prometia com a próxima organização da Comissão local.

O dia 23 ia começar pelas *Freixedas*. A reunião demorou em iniciar-se, porque era dia de mercado. Ainda assim pessoas gradadas da terra, que ainda tem solares de antiga fidalguia, e elementos da gente piedosa ali se congregaram na Casa do Povo a ouvir, a gostar e a pôr-se ao serviço do Monumento, sob o influxo da bondade irradiante e do espírito de zelo verdadeiramente apostólico do seu jovem e amado Pastor.

Seguia-se a vila de *Trancoso*, famosa pela sua nobreza, opulência e feitos históricos. Nela se guardam na parede lateral da Misericórdia, em sepultura com lápide e longa inscrição, os restos mortais do famoso e popular *Bandarra*, o sapateiro profeta da Restauração de Portugal e de outras supostas futuras grandezas da Pátria.

A comitiva do Monumento foi recebida com requintes de amável e generosa hospitalidade, pelo distinto médico sr. Dr. Crespo e sua Ex.ª esposa.

A reunião, sob a presidência do Rev. Arcepreste, efectuou-se depois de almoço, na sala grande do Clube, com numerosa e distinta assistência de Senhoras e de vários párocos do Arceprelado. Foi muito animada, e coroada pela organização de uma Comissão, da qual muito esperamos. A noite deste dia 23, noite de S. João, dos folguedos populares, fixara reservada para Belmonte. Grande surpresa nos esperava nesta famosa e altaneira vila. O Rev. Prior tinha ao seu dispor a Casa do Povo, e os organizadores dos folguedos nocturnos haviam-se comprometido com sua Rev.ª a não os começar antes de terminada a nossa reunião. Quando chegámos ao local, uma banda de música tocou e do povo irromperam vivas. No vasto salão não cabia nem mais uma pessoa. Presidiu à sessão o Sr. eng. Raúl Frazão Castelo Branco, Presidente da Câmara. Após um acalorado discurso de abertura do Rev. Prior e de umas palavras simpáticas de saudação do Sr. Tesoureiro de Finanças, destacaram-se do auditorio, à ordem do Rev. Pároco, duas crianças a oferecerem aos mensageiros do Monumento um ramo de flores, e depois uma senhora seguida de um jovem com igual oferta, em nome das Associações femininas e masculinas da paróquia.

Belmonte é a pátria do grande navegador Pedro Álvares Cabral, descobridor do Brasil; e esta nota foi acentuada fortemente nos discursos de apresentação. Ora, do Brasil veio a primeira inspiração de se erguer o Monumento em Portugal. Teve-o o Eminentíssimo Sr. Cardeal Patriarca no Rio de Janeiro, ao contemplar a estátua de Cristo Redentor no Corcovado. Belmonte tinha por isso relações mais íntimas com a mensagem do Monumento. A sessão decorreu animada e vibrante, ficando o povo todo bem ao corrente do que é e significa o Monumento de Lisboa. Os ramos de flores foram para a

igreja e depositos aos pés da imagem de Nossa Senhora que acompanhou na sua viagem o glorioso descobridor do Brasil.

Restava-nos *Caria* onde a benemerência e o espírito de piedade e zelo apostólico da Senhora Condessa de Caria tem concentrado o seu principal esforço. Se também nós tivéssemos uma Condessa de Caria!, diziam-nos alguns Párocos da redondeza.

Em frente ao Palácio da ilustre titular esperava-nos em formosa parada, a Mocidade Portuguesa masculina e feminina, fardada, com bandeiras e em formatura. Com ela, e ao centro, a Presidente e zeladoras do Apostolado da Oração com o respectivo estandarte; ao lado a J.A.C.F. com uniforme e bandeira. Cantaram seus hinos, ouviram-se aclamações e trocaram-se vivas! Era ao fim da tarde. Depois do jantar, congregou-se o povo na bela igreja paroquial, para o sermão da mensagem do Monumento. Estavam presentes alguns párocos do arceprelado, e não foi sem grande mágoa deles e nossa, que nos vimos obrigados a recusar os seus pedidos instantes para irmos falar à gente das suas paróquias. Lisboa exigia o nosso imediato regresso. A Senhora Condessa e sua irmã, a Sr.ª D. Maria da Conceição Pizarro de Melo, ali ficaram a avivar o fogo sagrado e a completar, com os Revs. Párocos, a rede da organização naquelas redondezas.

Esta última noite seria de repouso na *Capinha*, na Casa do Adro, solar da benemérita Presidente da Comissão da Guarda. Nas

breves paragens que ali fizemos, sempre cumulado de atenções por S. Ex.ª e seu marido, foi-nos dado sentir, e apreciar ainda mais vivamente o encanto daquele lar cristão e a nobreza de alma e o coração generoso dos Senhores da casa. Ajudaram-nos imenso. Bem merecem de Deus.

Estava finda a nossa excursão. Fazendo o balanço dos frutos nela alcançados ou prometidos, não nos pareceram pequenos. Notamos os principais: um mais perfeito e mais difundido conhecimento e amor desta obra; em consequência do contacto pessoal directo, mais fácil adesão de elementos preponderantes para a contribuição de cada um e para a formação de Comissões de propagação; maior acréscimo de interesse pelo Monumento em toda a Diocese, resultante da catequização feita sem interrupções, quase simultânea, nos centros todos principais e nas sedes dos arceprelados; decisão de organizar imediatamente a lista de quantos na Diocese podem contribuir no Plano Trienal, para sem demora os procurar e lho pedir; finalmente mais íntima união de pensamento e esforços entre a província e o Secretariado Nacional de Lisboa. Bem haja o Senhor Bispo da Guarda a quem a causa do Monumento deve este benefício, e a nós esta consolação.

Praza a Deus que, a exemplo da Guarda, esta campanha de ateamento de fervor nacional se estenda depressa pelo resto da Nação.

P. P.

ALA DOS BENEMÉRITOS DO MONUMENTO

LISBOA

25.000\$00

1.º ano de Subscrição do Sr. Eng. José Belard da Fonseca e pessoas suas amigas.

10.000\$00

Anónimo — A.A.P.

8.000\$00

D. Ema e D. Berta Lopes Monteiro que completaram o total de dez contos.

Anónimo — A. A. P.

6.000\$00

Anónimo, por intermédio do Rev. Prior de S. Domingos.

5.000\$00

D. Maria Domingas da Gama Berquó; D. Maria Isabel da Gama Berquó; D. Maria Teresa da Gama Berquó; perfazendo o total de quinze contos que oferecem em acção de graças ao Sacratíssimo Coração de Jesus, por um favor recebido.

4.000\$00

Anónima de Santa Catarina.

4.000\$00 em prestações

Dr. António Máximo Branco de Melo (última prestação).

3.000\$00 por inteiro

D. Fernanda Casaca Lopo de Carvalho; Anónima, entregue no Secretariado; Dr. Mário da Cunha Gonçalves e esposa; D. Raquel de Carvalho; A. Martins; Vasco d'Orey e família; Sociedade Comercial Orey & Antunes; Anónima do Estoril; Apostolado da Oração da Freguesia da Lapa (Basílica da Estrela); António Goulart Cardoso e D. Catarina de Canto Goulart.

3.000\$00 em prestações

D. Emília Froes (2.ª prestação); D. Maria de Sales de Sena (última prestação); D. Maria da Assunção Cunha Reis (última prestação); Eduardo Craso (2.ª prestação); D. Maria Clara N. V. Marques (última prestação); D. Margarida Bragança (2.ª prestação); D. Isabel Carnide (2.ª prestação); 3 devotas do Coração de Jesus (2.ª prestação); Francisco Novais e Athaide (3.ª prestação); D. Conceição van Zeller Gil Menezes (3.ª prestação); José Gil B. Menezes (3.ª prestação); D. Maria da Graça Trigo de Siqueira (3.ª prestação); Amélia Franco (9.ª prestação); D. Luísa Adelaide Sommer Alzina (1.ª prestação); D. Ana Formigal Luzes (2.ª prestação); Eduardo Correia Lopes e sua esposa D. Maria José Cardoso Lopes (2.ª prest.); João Mendes Carreiro (3.ª prest.); D. Palmira Sommer; D. Margarida Roque de Pinho; D. Maria Luísa Graça van Zeller (2.ª prestação); Congregação das Oblatas do Coração de Jesus (última prestação); D. Maria Eduarda Vaz da Silva; Condessa de Castelo Mendo; D. Helena Antunes dos Santos Leão (2.ª prestação); D. Emília e Libânio Morgado; José Sommer Ribeiro (3.ª prestação); D. Fernanda Formigal (3.ª prestação); Anónima, por intermédio do Rev. P. Sebastião Pinto; D. António de Siqueira, São Martinho (3.ª prestação); Anónimo (2.ª prestação); D. Isabel e D. Eugénia Brandão de Melo (2.ª prestação); D. Teresa Trigo de Siqueira da Cunha (3.ª prestação); D. Palmira

Pereira Coutinho Barbosa (3.ª prestação); D. Maria Nazareth Infante da Câmara, eng. João Carlos Alves e sua esposa D. Ermelinda C. Alves.

2.000\$00

Anónima do Estoril; D. Ema Mendonça.

1.500\$00

Externato Champagnat.

1.000\$00 por inteiro

Casa de Saúde do Telhal; Província Portuguesa da Ordem Hospitaleira de S. João de Deus — Telhal; Anónima da Freguesia de Santos-o-Velho; D. Emília Martins de Carvalho; D. Clarisse Mendonça; Anónima, por intermédio do Rev. P. Sebastião Pinto; D. Isabel e José Gomes da Costa; D. Maria José Bispo e sua família; D. Teresa Gil Correia de Sampaio; D. Maria Luísa Máximo; Manuel Gervásio Marques; D. Maria Manuela Queriol; Anónima de Lisboa; Dr. Joaquim Gonçalves Isabelinha; Um criado de Servir; P. António Garcia, da Companhia de Jesus (missionário na Índia); Dr. João Henrique Ulrich; D. Fernando de Almeida; Um sacerdote; D. Cristina Gomes Amorim; P. L., por intermédio do Rev. P. Sebastião Pinto; D. Julieta Fontes; Uma criada de servir, da freguesia da Estrela. Um professor do Seminário do Patriarcado; Anónima da Freguesia da Lapa; D. Alice Noronha Campos; António Aguiar; Teresa Verda; D. Luísa Maria Teixeira Borges; Anónimo; Armando dos Santos.

Festa promovida pela L.O.C.F. da Freguesia de Santos.

1.000\$00 em prestações

D. Eugénia de Lencastre d'Orey (última prestação); D. Maria de Lourdes de Melo e Castro (última prestação); D. Joaquina Monteiro (1.ª prestação); D. Adélia Garcia; (1.ª prest.); Jerónimo Braga de Carvalho (2.ª prestação); D. Maria Rita Appleton Burnay (2.ª prestação); D. Maria de Magalhães Lobato Guerra e seu marido.

AVEIRO

2.000\$00

Anónima de Souto da Branca (completou 3 contos).

1.000\$00 por inteiro

P. João Vieira Rezende — Ílhavo.

BRAGA

3.000\$00 por inteiro

Instituto Nun'Álvares — Caldas da Saúde.

1.000\$00 em prestações

Superior da Casa de Saúde de S. João de Deus — Barcelos.

COIMBRA

3.000\$00 por inteiro

Dr. José Carlos Ferreira de Carvalho e sua esposa.

2.000\$00

M. A. Costa (completou 3 contos); L. F.

1.000\$00 por inteiro

Superiora do Lar das Irmãs de Santa Dorotheia; D. Brites; Agostinho Vaz Patto.

ÉVORA

3.000\$00 em prestações

D. Julieta Sá Fernandes — Reguengos de Monsaraz (1.ª prestação); (Segue na pág. 3)

Total da Subscrição Nacional em Julho de 1952: 3.700.000\$00

VAMOS ERGUÊ-LO!...

EM LISBOA

Na tarde de 11 de Junho realizou-se no Salão da Acção Católica de Lisboa, com notável e distinta concorrência e grande elevação, a 3.ª reunião anual das Senhoras das Comissões Paroquiais da Subscrição do Monumento de Cristo Rei.

Estavam presentes para cima de duas centenas de apóstolas desta ala benemérita. Presidiu o Excelentíssimo Sr. Arcebispo de Mililene, como Vigário Geral do Patriarcado.

Aberta a sessão, a Secretária da propaganda, Ex.ª Senhora D. Maria da Conceição Pizarro de Melo, leu o relatório dos trabalhos.

El-lo em síntese: o total angariado em 27 meses, desde o início desta campanha em Março de 1950 até ao fim de Maio de 1952, como contribuição de Lisboa sobre a base mínima de 1 conto de réis por família ou pessoa independente, atingiu 1.499 contos, sendo das paróquias da cidade 1.195 contos, e o resto, de entregas espontâneas, muitas vezes anónimas, no Secretariado.

Este total, apesar da dedicação abnegada das senhoras colectoras está longe do que é lícito esperar da generosidade e multidão católica da capital. Não é raro ouvir de pessoas bem dispostas, a queixa de que ainda ninguém se aborreu para contribuir.

Urge reorganizar e reforçar as comissões paroquiais e que estas sejam constantes nas suas reuniões de mês, e industriosas na revisão e contínuo aumento da lista ou ficheiro de novos possíveis contribuintes do Plano Trienal. O recurso aos Mealheiros tão fácil e de tão felizes resultados, nem se despreze nem se descurde.

A propaganda no Patriarcado vai desenvolver-se no distrito de Santarém e nas freguesias de Cascais e Sintra. Fora do Patriarcado ia fazer-se o circuito da Diocese da Guarda. Estava-se também em preparativos de organização de uma Comissão de Senhoras que iriam solicitar a cooperação das entidades económicas e financeiras de Lisboa, em ordem a assegurar a capacidade do Secretariado para o pagamento integral dos alicerces do Monumento em Outubro e continuação das Obras do pedestal.

Falou depois o director do Secretariado Nacional afirmando a assembleia no amor desta obra e informando sobre a expansão da Subscrição pelo país e ultramar.

Por último tomou a palavra o Senhor Arcebispo de Mililene. Sua Ex.ª Rev.ª é um promotor entusiasta da iniciativa do Monumento, pronto sempre a assumir responsabilidades, acarinhar iniciativas e alentar esforços. A sua palavra, na afirmação solene de Sua Ex.ª Rev.ª, é o eco da palavra do Senhor Cardeal Patriarca. Ambos estão conosco de coração, e abençoar quantos se alistem nesta Cruzada e a pedir para ela cooperação generosa de todos os amigos do Sacratíssimo Coração de Jesus. Em Barcelona, donde regressara havia pouco, subiu ao monte

do Tibidabo e ficou surpreendido da maneira como um povo, dessangrado pela guerra comunista, pôde levantar ali aquele magnífico Monumento ao Sacratíssimo Coração de Jesus. Quanto pode o amor! O Monumento de Lisboa é uma obra, merecida pelo amor misericordioso do Sacratíssimo Coração de Jesus que nos salvou aceitando a promessa dos nossos Bispos; e é obra também, devida e querida pelo amor de gratidão do povo português para com o seu Senhor. Obra de Fé, reparadora do satanismo dos nossos dias, imensamente mais impio que o ódio dos perseguidores antigos do Cristianismo; e Obra de amor, exaltador da predilecção que Deus temido por nós. O amor de Jesus para com a nossa Pátria é tal que, mesmo sem o Voto e o milagre da Paz, nunca seria exagero nem desperdício erguer-lhe uma estátua, grandiosa e magnífica, em que a alma de Portugal ficasse eternamente a clamar ao seu Divino Coração perante a humanidade inteira:

Amo-Vos, Jesus, porque sois Jesus!
Sua Ex.ª Rev.ª, recapitulando o que à maneira de exame ou balanço do ano se dissera, insistiu no ponto do aperfeiçoamento e expansão da organização das Comissões no Patriarcado e em toda a nação. Congratulou-se com os êxitos alcançados, exaltando a dedicação com que tantas beneméritas senhoras assim trabalham para ajudar o Episcopado Português a cumprir a promessa soleníssima de 20 de Abril de 1940.

Entre aplausos calorosos da assembleia e com fervor de entusiasmo em todos, e vontade ainda mais decidida de levar depressa a termo esta empresa, se encerrou esta sempre abençoada reunião anual.

Coração Santo, tu reinaras!

EM SANTARÉM

A convite do Rev.ª Cônego Mons. Francisco Maria Félix, Vigário Geral de Santarém e Reitor do Seminário, realizou-se ali na tarde de 13 de Junho uma reunião selecta, de senhoras e cavalheiros, elementos preponderantes na cidade e região, e alguns Párocos, para ouvirem uma conferência do Director do Secretariado Nacional e se preparar a eleição de uma Comissão Distrital de propaganda do Monumento de Cristo Rei e respectiva subscrição.

Abriu a sessão Monsenhor Félix. Depois do conferente, falou a Secretária da propaganda, Ex.ª Senhora D. Maria da Conceição Pizarro de Melo, expondo o processo de organização e o funcionamento da Subscrição.

Excelentes boas vontades se puseram logo ao dispor da causa do Monumento, tendo sido escolhida para o cargo de Presidente e responsável de toda a propaganda naquela vasta e rica zona, a excelentíssima Senhora D. Maria de Lourdes Pereira Tavares, esposa do Senhor Governador Civil de Santarém e senhora de grande espírito e zelo apostólico.

Como Sua Ex.ª não pôde comparecer nesta reunião, a sua nomeação só depois se fez oficialmente, dignando-se Sua Ex.ª aceitar com generosa dedicação este cargo. Temos grandes esperanças na Comissão de Santarém.

Ao venerando e tão benemérito Monsenhor Félix, organizador da nova Comissão, os protestos do nosso profundo reconhecimento.

AS OBRAS — Prosseguem em ritmo normal as escavações dos alicerces em doze metros de profundidade por trinta e dois de largo, na base, e vinte e cinco à superfície do terreno. A betonagem começará no princípio de Agosto. Este mês com os de Setembro e Outubro serão os grandes meses das fundações, pertencendo ainda ao Outono a glória de iniciar, sobre elas, o levantamento dos quatro arcos triunfais do pedestal.

A SUBSCRIÇÃO — Tem subido com mais constância. Com o recurso que neste Julho se tem feito às entidades económicas e financeiras de Lisboa, esperamos ter garantido o pagamento integral em fins de Outubro, da empreitada dos alicerces, que é de três mil contos.

O PEDESTAL — É preciso pensar nele muito a sério, quer dizer, na maneira de garantir a sua imediata construção, conseguindo os milhares de contos em que ele importará. É a vez agora para as Províncias do país, de acorrerem a Lisboa com o seu contributo. Os arcos do pedestal serão feitos em nova empreitada cujo importe só na devida altura se poderá saber.

A recomendação e preceito divino de se cumprirem as promessas sem demoras, não consente que o Monumento venha a ser as obras de Santa Engrácia que nunca mais acabaram, como poderá observar quem for ali a S. Vicente, perto da Feira da Lada.

ESTÃO A VIR AS DIOCESES — Lisboa começa a sentir-se acompanhada no seu esforço para a realização urgente do Monumento. Coimbra e Portalegre tinham já as suas Comissões, embora a de Portalegre não tenha podido ainda lançar-se afoitamente ao

trabalho. Acorrem agora, com grande decisão, a Guarda e Bragança; e Aveiro, Braga e Beja com fundada esperança de em breve acertarem bem o passo com Lisboa, nesta caminhada gloriosa.

VOTO E OBRA SÃO DE TODOS — O curso ininterrupto da contribuição das Dioceses todas, umas após outras, é que nos vai garantir o seguimento constante das obras. Lisboa irá sempre na dianteira até final; mas nem era justo deixá-la sôzinha na satisfação do compromisso do Voto do Monumento, nem isso lhe seria possível senão ao cabo de muitos anos. O voto da nação tem de ser cumprido por toda a nação: a capital, o Continente e o Ultramar. Iremos bater à porta de todos os filhos de Portugal, em toda a parte do mundo onde eles se encontrem. Não-de ajudar-nos, estamos certos disso.

Mas, será certamente das províncias da Metrópole — continente e ilhas adjacentes — que há-de vir a soma principal. Se as suas 14 Dioceses quisessem repartir desde já entre si este encargo, proporcionalmente aos seus recursos e população, para o cumprirem aos poucos nestes três anos de 1952-53-54, que bom que seria!

A MIGALHA DOS POBRES E O «CONTO» DOS QUE TÊM DE SEU — O movimento crescente, embora lento, de organização das Comissões da Subscrição Nacional das Dioceses, pode dar muito e pode dar pouco. Dependerá isso de saber organizar a propaganda em todas as classes.

Os Centros do Apostolado da Oração é inevitável serem os melhores colectores da migalha dos pobres. Mas, sem a contribuição mais avultada dos abastados e dos ricos, a subscrição fatalmente se arrastará por anos sem fim, com vergonha da nação e com prejuízo da glória de Deus e privação das bênçãos que nos estão prometidas pelo Sacratíssimo Coração de Jesus.

Uma experiência recente, feita em certa zona do país, mais nos confirmou de que não passa de ilusão a esperança de levar toda a gente a contribuir com 1 só escudo anual ou mensal. Em teoria, esse processo parece fácil e seria belo. Na prática, basta saber que na sobredita zona abrangendo muitas paróquias, não se obteve por este processo mais de dez contos num ano inteiro de propaganda!

Faz falta a migalha dos pobres, e nem eles a podem, em boa consciência, recusar; nem temos nós o direito de os privar da consolidação de com suas pedrinhas ajudarem a subir o Monumento.

É maior, porém, a falta que faz a contribuição da gente rica e dos bem remediados, que nada perderam e só viram crescidos e, para muitos, espantosamente crescidos, os seus haveres, com o milagre da nossa paz.

Persuadam-se as Comissões Diocesanas e Locais que sem o recurso imediato a todas essas pessoas, não conseguirão desobrigar-se a si nem às suas Dioceses da parte do encargo que lhes caiu na consciência com o Voto do Episcopado.

Importa que em toda a parte se adopte o Plano trienal e para isso se organize o ficheiro ou lista das pessoas capazes desta contribuição mais considerável, indo ter pessoalmente com cada uma delas, para as persuadir a darem o conto de réis anual.

O CONTO DE RÉIS DOS CRIADOS DE SERVIR — Os pobres de bens do mundo, mas ricos de amor de Deus, nem censuram a grandeza e custo do Monumento nem hesitam em se sacrificar por ele.

Eis algumas provas recentes. — Em Junho do corrente ano ou princípio deste Julho, um chefe de família ilustre entregou ao director do Secretariado Nacional um conto de réis para o Monumento. Passados poucos dias um empregado dessa casa meteu-nos na mão um sobrescrito com estes dizeres «De um criado de servir... Tinha dentro outro conto de réis!»

— Agora é uma criada de casa também muito fidalga. Entrega ao seu confessor um sobrescrito com quinhentos escudos, e que depois explicaria. E explicou-se num dos dias seguintes: eram para o Monumento; queria dar o conto de réis, mas como Sua Rev.ª era severo em lhe recomendar que olhasse ao seu futuro não sendo imprudente em generosidades, ela temia desgostá-lo. Mas tanto insinou, e com sentimentos tão vivos de confiança na Providência, que não foi possível contrariá-la. E completou com outros quinhentos escudos o seu conto de réis de amor agradecido e... confiado.

— Na Basílica da Estrela, na véspera da primeira sexta-feira de Julho, um sacristão aborda o Director do Secretariado com um conto de réis. «É de uma criada de servir, de casa muito religiosa e abastada; mas não quer que o seu nome apareça». Os dois precedentes exigiram o mesmo. Nós cumprimos; não lhes revelamos os nomes, mas não podemos calar o seu exemplo de amantes apai-

xonados da glória do Sacratíssimo Coração de Jesus e de honrados filhos de Portugal.

PROMESSAS ATENDIDAS — Em carta de 30 de Maio escrevia-nos o Rev. P. José Baptista Vieira da Cruz, zeloso pároco de Salto, Diocese de Braga:

«Tinha chegado a um tal estado de depressão, que tinha horror a todo o trabalho e vivia sempre aborrecido, sem aquela alegria que me era própria. Recorri a Cristo Rei prometendo-lhe 100\$00 e publicar a graça recebida, se a obtivesse e felizmente agora estou outro. Estou quase no estado normal esperando chegar dentro em breve à normalidade, por isso envio estes 100\$00 para cumprir a minha promessa e peço a publique no órgão de Cristo Rei — O Monumento.»

— Outro devoto do Monumento da freguesia de S. Sebastião da Pedreira enviou-nos agora, por mão do Rev. Sr. P. Adelino Genro, 500\$00 de Promessa que fez e o Sacratíssimo Coração de Jesus lhe despachou.

— Três beneméritas senhoras, de Lisboa, irmãs pelo sangue e pelo fervor da sua piedade que herdaram com o nome de fidalgas de alta estirpe, tendo recebido do Sacratíssimo Coração de Jesus uma graça que muito esperavam da sua infinita bondade, apressaram-se em lhe retribuir oferecendo cada uma de per si a quantia de cinco contos para o Monumento.

Com este donativo não se querem desobrigar de subscritoras do Plano Trienal com o seu conto de réis por ano.

Bem haja quem assim sabe reconhecer a Deus como Senhor e Dador de todos os bens que recebemos.

MARIA DO CARMO — A senhora que com este nome nos escreveu em 11 de Maio, influenciada pela leitura deste nosso jornal, para que nos encarregássemos da celebração de uma Missa ao Sacratíssimo Coração de Jesus pela grande necessidade que indicava, podemos garantir-lhe que essa Missa foi dita imediatamente e que muito rogámos por essa intenção.

NOBRE EXEMPLO DE FIDELIDADE À PALAVRA DADA — Já aqui tínhamos falado do alvitre de um ilustre engenheiro na última reunião da Comissão dos Homens de Lisboa, em Janeiro, para juntar em breve tempo os dez mil contos que ainda faltam para o Monumento. Reduziu-se a recrutar 400 homens, em todo o Portugal, cada um dos quais se responsabilizasse pela contribuição de 25 contos, no espaço de 3 anos. Este engenheiro era o Director do Instituto Superior Técnico de Lisboa e Presidente dos Engenheiros da Acção Católica, Sr. José Belard da Fonseca.

Declarou então Sua Ex.ª que ali mesmo se responsabilizava por 3 contribuições daquele volume.

Fiel à sua palavra e cheio de entusiasmo pela obra do Monumento e com a mais firme esperança na eficácia do Plano Trienal, veio ao nosso Secretariado, na tarde do dia 11 de Julho corrente, entregar-nos os 25 contos da 1.ª prestação anual. Eram contribuição de Sua Ex.ª e de pessoas da sua amizade que não quis nomear.

E digam lá, que não é verdade de sempre o ditado velho: *querer é poder!*

Comissões do Monumento

BRAGA

Secção dos Homens

António Maria Santos da Cunha
Dr. Nuno Pinheiro Torres
Dr. João Gomes de Abreu e Lima
Dr. Francisco de Araújo Malheiro
Dr. Felicissimo Campos
Dr. Valentim de Almeida e Sousa
Dr. José Maria Ferreira de Araújo
Dr. Manuel Justino Cruz
Eng. Joaquim Duarte Carrilho
Adolfo Santos da Cunha

Secção das Senhoras

D. Carlota Pais de Sande e Castro
D. Maria Adelaide de Azevedo Moura
D. Antónia Maria da Graça Gomes
D. Júlia Cândida Ferreira Pipa
D. Teresa Afonso Esquivel
D. Emília Rangel Coelho
D. Maria Lídia Soares Braga
D. Maria Filomena Lopes

NOTA — A constituição destas Comissões foi-nos comunicada directamente por Sua Excelência Reverendíssima o Senhor Arcebispo Primaz em amável bilhete, «com votos de pleno êxito».

Os nomes que as formam, a começar pelo do ilustre e benemérito Presidente da Câmara de Braga, sr. António M. Santos da Cunha, são os de maior influência na vida social da cidade e nas direcções da Acção Católica. Obras suas Auxiliares e outras importantes organizações sociais.

Aos colégios às Direcções e alunos dos Colégios e Institutos, a quem remetemos gratuitamente o nosso jornal "O Monumento", rogamos que o levem e dêem a ler a suas famílias e pessoas de suas relações, tornando-se assim beneméritos da nossa propaganda

Graças do Beato Nuno

I — CURAS

Meningite mortal

Anunciação dos Santos, de 59 anos de idade, empregada da muito benemerita e veneranda senhora D. Elvira de Carvalho, na Praça do Príncipe Real, 35, Lisboa, foi súbitamente acometida de doença gravíssima, do meio-dia para a uma hora da tarde do dia 5 de Fevereiro do corrente ano de 1952. Estontada, caiu numa cadeira de braços ficando logo sem sentidos.

Chamado imediatamente o médico que já ali se encontrava para tratamento da dona da casa, ao ver o estado da doente recebeu que ela morresse em seguida e mandou que a levassem imediatamente para o Hospital de S. Luís para ser melhor atendida e para livrar a senhora da casa de um choque violento que poderia ser-lhe fatal. Assim se fez.

Avisado, o Rev. P. Frei Luís Gonzaga de Oliveira, Capelão da Ordem Terceira do Carmo correu ao Hospital e administrou à doente os últimos Sacramentos visto dizerem todos, médico e enfermeiras, que ela estava moribunda. Esta, só no dia seguinte acordou do seu estado de absoluta inconsciência, perguntando onde estava, mas logo recaiu nesse estado anterior com violentas convulsões que chegaram a ser quatro por dia. O Rev. Padre Luís Gonzaga fizera que lhe pusessem ao peito uma relíquia do Beato Nuno e nesse mesmo dia 5 começou a pedir ao querido Santo esta cura, como milagre para a Canonização, orando em coro com os devotos, antes e depois da Missa e na Bênção do Santíssimo Sacramento, na Capela do Carmo. Em casa da ama da doente e nas das pessoas amigas, todos oravam também.

No dia 13, o último desta novena de súplicas, a doente teve tantas convulsões e tão violentas que causaram o maior alarme entre os médicos e as Irmãs Enfermeiras. No dia 14 a doente começou a voltar a si e logo a pedir para se confessar e a mexer pernas e mãos. As melhoras proseguiram.

No dia 3 de Março já pôde levantar-se e a 6 teve alta, seguindo para casa onde hoje continua o seu trabalho com *melhor saúde que antes e a melhor disposição.*

Em atestado que, a rogo passaram, os dois ilustres médicos assistentes afirmam que *«a evolução da doença para a cura rápida e completa mal se explica pelos conhecimentos científicos actuais».*

Operação evitada

Maria dos Anjos Bornalda (Morro — Vila da Povoação — S. Miguel, Açores) — Comunica-nos por meio das Irmãs do Colégio de S. Francisco Xavier, de Ponta Delgada, o seguinte. Tendo de embarcar para a América uma família açoreana, na véspera teve uma crise de apendicite uma criancinha de 5 anos, filha da casa, declarando o médico a necessidade de ser operada. Recorreram logo com o maior fervor ao Beato Nuno com promessa de 40\$000 para a sua Canonização se lhes valesse nesta aflicção. No mesmo dia, à noite, o médico dizia que a criança estava salva, sem precisar de operação, e pôde embarcar passados dois dias.

Hemorragia pré-retiniana

Cândida Florinda Ferreira, professora do Ensino Técnico Profissional, vem declarar o seguinte:

Tendo tido, neste mês, uma hemorragia pré-retiniana, consequência da hipertensão que há três meses lhe provocou também uma congestão cerebral, perdeu a vista do olho direito.

Conformada já a ficar cega desse olho, em certo dia surgiu-lhe a sua colega e amiga Sr.ª D. Alice Correia, com uma pagela do Beato Nuno de Santa Maria, e as duas, em grande devoção invocaram, rezando, o auxílio do Beato Nuno.

Qual não foi o meu espanto quando, no dia seguinte, à grande obscuridade sucedeu um claro cizento e, pouco depois, a plena claridade.

Considero como milagrosas estas melhoras tão rápidas, o que, com toda a boa vontade, me apresso a declarar.

Lisboa, 31 de Março de 1952.

Fractura dos ossos da bacia

«Eu abaixo assinada, Maria de Jesus Sousa, venho muito respeitosamente pedir a V. Ex.ª a publicação dum milagre operado em meu favor por intercessão do Santo Condestável; é o seguinte: No dia 30 de Outubro de 1951 parti uma perna pela bacia; conduzida ao hospital e observada pelos médicos precisava de ser operada, mas na impossibilidade de o fazer por sofrer do coração e demasiada quan-

tidade de ureia os médicos desistiram e mandaram-me para casa, a 25 de Novembro, que o tratamento era estar deitada.

Nesse momento recorri ao Sagrado Coração de Jesus que por intermédio da Virgem Santíssima e do Beato Nuno de Santa Maria alcançasse um milagre para a sua canonização. De 1 para 2 de Abril de 1952 sobreveio um ataque horrível de ureia, que me pôs à morte. Curei-me, e a 2 de Maio levantei-me e desci escadas e dia 4 fui à igreja por meu pé. Entretanto tiraram-me uma radiografia e disseram-me: *«aqui andou uma mãozinha invisível»*

Hoje estou curada e posso andar.
Maria de Jesus Sousa.

II — FAVORES

— Maria da Conceição Mancebo de Menezes (Angra — Açores) — Uma graça e 27\$00 para as despesas da Canonização.

— P. Jeremias Simões (Seminário de Angra) — 10\$00 para a Canonização.

— Maria Júlia de Oliveira Santos (Lordelo do Ouro — Porto) — Duas graças: a sua cura de doença de barriga e a melhoria de situação de seu filho mais novo. 20\$00 para a Canonização.

— Domingos José Ferreira da Silva (Mídões — Barcelos) — pediu e alcançou ao fim de cinco dias a graça de se colocar na oficina que desejava. 20\$00 para a Canonização.

— Alda Silvano (Coimbra) — A grande graça, obtida em breve tempo de Novenas ao Beato Nuno, de melhor colocação procurada durante muitos anos. Prometeu publicar a graça e 20\$00 para a Canonização.

— Maria Ana Carreiro (Ponta Delgada — S. Miguel — Açores) — Uma grande graça. 20\$00 para a Canonização.

— Maria Francisca Xavier da Graça Horta (Tavira) — 100\$00, de promessa por uma graça obtida.

— N. J. Ramos (Odemira — S. Luís) — 5\$00 para a Canonização.

— Anónima (Barreiro) — 50\$00, de promessa por uma graça obtida.

— Celeste Pimentel Pires Peito (Macedo de Cavaleiros) em reconhecimento de uma graça, envia 50\$00 para a Canonização.

— J. B. — 10\$00, de promessa para a Canonização.

— Maria José de Lourdes Vieira (Moreiras Grandes — Vila do Paço) — Duas graças e 20\$00, em reconhecimento, para a Canonização.

— Maria de Lourdes Tabora Tavares (Porto) — 100\$00 para a Canonização.

— José Vidal Canelha (Regimento de Cavalaria 6 — Porto) — «Junto envio 20\$00 para a Canonização do Beato Nuno Álvares Pereira, pelos favores que me tem feito desde o dia 13 de Março de 1948, pois faz hoje anos que o tomei como meu protector no meu serviço e na minha vida militar, por seu intermédio tenho recebido inúmeras graças, autênticos milagres e, agora espero que se me for concedido irei fazer uma peregrinação ao seu túmulo em Acção de Graças, espero que sim, pois nunca deixou de me auxiliar no que a Deus tenho pedido.

Sou um soldado cavaleiro ao serviço no Porto no Regimento de Cavalaria n.º 6, sou chefe do núcleo da Obra dos Soldados Católicos do meu Regimento, temos todas as quintas-feiras reunião no Secretariado Diocesano da Acção Católica do Porto, onde me não canso de falar a todos os meus colegas nas virtudes do nosso protector.

— Eusébia da Conceição Barreto (Lisboa) — Eu sou viúva, e tenho um filho no Brasil que sabe ser filho, e vendo que eu me encontrava muito só e desamparada, resolveu que eu fosse para junto dele. Depois de tudo pronto, que só faltavam 5 dias para eu embarcar, tive uma inspecção médica, como todos os passageiros. Tive então a infelicidade de o médico dizer que eu tinha uma cicatriz numa pálpebra, de aspecto tracomatoso. Foi o médico do Consulado e foi o bastante para tudo ficar em nada, porque o Brasil não quer lá quem tenha tido tracomato.

Eu já me tinha desfeito de todos os meus haveres e entregado a minha casa ao senhorio, fiquei numa grande aflicção, sem casa nem haveres, mas fui sempre lutando e sem nenhum resultado, já não era cá que se devia tratar mas sim no Brasil. Desde 13 de Fevereiro que estava nesta grande luta, pedindo a todos os Santos e nada de ver resolvida a minha situação.

No dia em que foram para a sua igreja as relíquias do Beato Nuno de Santa Maria, por coincidência fui à Baixa e vi o movimento que ignorava; dirigi-me então ao Carmo e assisti a tudo, e acompanhando a relíquia do nosso querido Santinho, pedi-lhe com muita fé que me valesse na minha triste situação e ao mesmo tempo pedi a Nossa Se-

nhora que me concedesse a grande graça, por intermédio do Beato Nuno, que eu mandaria divulgar para a canonização do Santinho.

Tudo se tinha fechado para mim, até algumas pessoas que eu julgava amigas, tudo me desaparecia. Fui a Fátima no dia 13 de Setembro e pedindo sempre a mesma graça — qual não é a minha admiração quando de um momento para o outro tudo passou e foi autorizada a minha ida para o Brasil pelo próprio Governo Brasileiro! Dizem no Consulado que não há memória que o Brasil tenha autorizado que lá entre quem tenha tido tal doença.

Como, graças a Deus, já estou no Brasil ao pé do meu querido filho, aqui estou a cumprir a promessa para a Canonização do Beato Nuno de Santa Maria.

— Júlia da Purificação Santos (Lisboa) — Estando o meu marido desempregado e eu também, vivíamos a braços com a miséria, passando mesmo os horrores da fome. Uma senhora amiga que sabia a minha vida, disse-me que fizesse uma novena ao Beato Nuno e eu fiz uma novena de terços e pedi ao querido Santo que me deparasse um trabalho, mas que eu não me afastasse de Nosso Senhor. Na mesma semana em que acabei a novena me empreguei, mesmo debaixo dos tetos de Nosso Senhor, muitas vezes vou limpar a capela. E como sou doente que já fiz duas grandes operações e o trabalho é muito exaustivo, atribuo ao querido Santinho o ter aguentado tanto.

Aqui fica, pois, a minha reconhecida gratidão, e que Deus aceite para a pronta cano-

NUNO de Santa Maria

*Raio que o terror espalha,
De Nuno a espada leal
Quebra os grilhões de cativa
À mãe pátria, a Portugal:
Pois na folha luzidia
Brilha o nome de Maria.*

*Invicto em Aljubarrota,
Em Valverde, em toda a parte,
Flutua às auras da glória
De Nuno o branco estandarte:
Pois nas pregas cor do dia
Fulge a imagem de Maria.*

*Cada batalha um triunfo,
Cada combate um troféu;
Dom Nuno, reconhecendo
Na vitória um dom do céu,
Por cada vitória erguia
Um templo à Virgem Maria.*

*E quando, na maior guerra,
Quis colher a melhor palma,
Entrega à Virgem do Carmo
Quanto tem no corpo e n'alma,
E ficou, desde esse dia,
Nuno de Santa Maria.*

(Do «Mensageiro de Maria» de Junho de 1910)
P. Luís M. de Almeida (Lavradio) S. J.

PROGRAMA de distribuição mensal do encargo de orar

Pela Canonização do Beato Nuno comprometem-se a recitar diariamente a oração, a pagar a pagela que a traz e a induzir os crentes a recorrerem ao valimento do Condestável, em:

Agosto — Ordens e Congregações Religiosas Masculinas e Femininas.

Setembro — Asilos, Sanatórios e Hospitais.

Outubro — Ordens Terceiras: Beneditina, Franciscana, Dominicana, e Marias dos Sacrários.

A oração incessante e dos portugueses todos, é devida e será triunfante na Cruzada pela Canonização do maior herói nacional e defensor da Pátria.

Pedi e recebereis!

nização do nosso Beato Nuno de Santa Maria, porque foi assim feita a minha promessa.

Mais uma graça alcançada pelo nosso Beato Nuno de Santa Maria:

Uma senhora minha amiga que é viúva e vivia com muitas dificuldades pediu ao nosso querido Santinho que me ajudasse para que ela também fosse trabalhar, e, graças a Deus, também se empregou onde eu estou.

Tudo agradeço ao nosso Santinho, que ele aceite a minha gratidão e que sirva para sua canonização.

Deus não concede a graça de termos santos para meras figuras decorativas ou motivo de vanglória. Dá-os às nações para intercessores e advogados da nossa pobreza e aflições, e principalmente para modelos e incitamento das virtudes que eles praticaram e a nós nos fazem tanta falta como o pão para a boca.

E por isso é crença geral que não vem do Céu a graça dos milagres para a Canonização, enquanto no povo se não criar uma grande corrente de devoção à santidade do Servo de Deus cuja canonização se deseja.

Temos tido sempre confiança de que a graça concedida quando foi de S. João de Brito, de bastarem três anos de súplicas e propagação da sua vida, do seu retrato, da sua Novena e das suas graças para obter a Canonização, nos seria igualmente concedida à nossa Cruzada pela Canonização do Beato Nuno de Santa Maria. Estaremos chegados já a essa hora feliz?

Um professor ilustre de medicina, asseverou-nos que uma das curas obtidas recentemente, por intercessão de Nun'Álvares, não pode deixar de a ter, em consciência, como *verdadeiro milagre».*

Se a Igreja e a Ciência confirmarem este parecer do sábio professor, então é certo que — «às três tem vez» — a graça tão desejada nos veio ao fim de só três anos de muito pedir. *Deo gratias! Oremus e confitemur!*

PEDRAS Dequeninas

LISBOA

D. Graça de Trigo de Siqueira — 2 pulseiras de ouro com bolas de coral; Sr. Agostinho da Silva e sua mulher — por intermédio do Rev. Prior de Campolide — anel de ouro; D. M.ª Helena Moreira Simeão — Freg. de Santa Engrácia — anel de ouro com diamantes; D. Maria da Graça Trigo de Siqueira — 224 moedas antigas de cobre; D. Guilhermina Santa Rita Amado e Dr. Alberto Amado — Lumiar — moeda de ouro D. João V; D. Berta da Conceição Franco — 91 moedas antigas; D. Maria C. Delgado — um par de argolas de ouro e um par de brincos pequeninos em ouro; João Barroso — 82 moedas antigas em cobre. Anónima —



pulseira de ouro. Anónimo — uma corrente de relógio em ouro e duas alianças de casamento; Anónima da Freguesia da Pena — 32 moedas antigas.

PORTO

D. Lucinda de Almeida Plácido — uma libra ouro; Dr. Alberto de Almeida Plácido — uma libra ouro.

GUARDA

Cónego Manuel Rebelo — 59 moedas de 200 réis em prata; 104 moedas de 100 réis em prata; 10 moedas de 500 réis em prata; quase todas do tempo da Monarquia.

PORTUGUESES REZAI pela canonização do Beato Nuno; INVOCAI-O nas aflições e mandai-nos a relação das graças que ele vos fez e donativos para as grandes despesas da sua Canonização.